

II Congreso Europeo de Joyería

Ministerio
de Educación, Cultura
y Deporte

Vestir las joyas. Modas y modelos



II Congreso Europeo de Joyería

Vestir las joyas. Modas y modelos
20-21 de noviembre de 2013
Museo del Traje. CIPE

Catálogo de publicaciones del Ministerio: www.mecd.gob.es
Catálogo general de publicaciones oficiales: publicacionesoficiales.boe.es

Edición 2015

II CONGRESO EUROPEO DE JOYERÍA

Organización

Museo del Traje. Centro de Investigación del Patrimonio Etnológico

Dirección

M.ª Antonia Herradón Figueroa

Publicación coordinación

M.ª Antonia Herradón Figueroa



MINISTERIO DE EDUCACIÓN, CULTURA
Y DEPORTE

Edita:
© SECRETARÍA GENERAL TÉCNICA
Subdirección General
de Documentación y Publicaciones

© De los textos e imágenes: sus autores

NIPO: 030-15-145-8

ÍNDICE

	Pág.
Presentación	7
Gala y devoción: el rosario en el ámbito hispánico	9
<i>Letizia Arbeteta Mira</i>	
El creciente lunar en el Mediterráneo	44
<i>Concepción Alarcón Román</i>	
Tipología de las joyas en el vestido de la corte castellana en la última Edad Media	57
<i>Laura Vegas Sobrino</i>	
<i>María Teresa Viñas Torres</i>	
La colección de joyas del Instituto Valencia de Don Juan de Madrid. Obras escogidas de los siglos XVI-XVII	70
<i>Margarita Pérez Grande</i>	
Joyería, tocados e indumentaria: el gusto real de una época a través de los retratos de María Luisa de Parma	87
<i>Laura García Sánchez</i>	
La joya como legado a través de las donaciones testamentarias del área murciana (1759-1808)	98
<i>Elena Martínez Alcázar</i>	
El <i>pinchbeck</i>: una aleación perdida	109
<i>Elena Garmendia Herrero</i>	
Algunas consideraciones acerca de la venta de joyas de Isabel II en 1878	117
<i>Nuria Lázaro Milla</i>	
Las tres vidas de una medalla. Valores simbólicos y rituales de la joyería popular en el contexto castellano-leonés	128
<i>Pedro Javier Cruz Sánchez</i>	
Joyas devocionales: san Juan Nepomuceno como ejemplo	138
<i>Raquel Sigüenza Martín</i>	

Los relicarios de Copacabana: joyas únicas	154
<i>Martha J. Egan</i>	
Gli oggetti preziosi di un mercante arricchito del Siglo de Oro. L'inventario di Simon Ruiz (1597)	163
<i>Gabriele Galli</i>	
La singular coronación de Juan Eugenio Hartzenbusch	179
<i>Mercedes Pasalodos Salgado</i>	
Joyería masculina europea: alhajas del violinista Pablo Sarasate	190
<i>Ignacio Miguéliz Valcarlos</i>	
As cores da honra: jóias-insígnias das ordens militares em Portugal (1750–1825)	209
<i>Gonçalo Vasconcelos e Sousa</i>	
Joyas en Ibiza “a la moda forenca” (siglos xvii-xx)	226
<i>M.^a Lena Mateu Prats</i>	
Vistiendo el hábito. Aproximación a las variantes morfológicas más habituales en las joyas de órdenes militares durante el siglo xvii	257
<i>Javier Alonso Benito</i>	
Vestir la apariencia: la joya como vehículo hacia la divinidad en la España de la Contrarreforma	270
<i>Alejandro Cañestro Donoso</i>	
Centinelas del bienestar. Joyas protectoras en la pintura española del Renacimiento y Barroco	283
<i>Rosa E. Ríos Lloret</i>	
Apotropaici gioielli di corallo	293
<i>Maria Concetta Di Natale</i>	
O uso de ornamentos de ouro na dança das virgens, Lousa, Castelo Branco	303
<i>Rosa Maria dos Santos Mota</i>	
Aderezos de aldeana. La joyería en el traje popular asturiano según las fotografías de Vicente Pérez Sierra (1867–1882)	312
<i>Fe Santoveña Zapatero</i>	
Joyería Art Decó: nuevas modas, nuevas joyas	328
<i>Inmaculada Aroca Bernabéu</i>	
Josep Maria Gol, “diablo de las artes del fuego”	340
<i>Mariàngels Fondevila</i>	

Balenciaga: bisutería y alta costura	345
<i>Ana Cicuéndez Chamorro</i>	
Anthony Caro. Naturaleza escultórica de la joya	353
<i>Ignacio Asenjo Fernández</i>	
Joyas. Diálogo entre la escultura y el cuerpo	366
<i>Mónica Ruiz Trilleros</i>	
Presentación de la exposición sobre orfebrería tradicional en el Museo Provincial de Lugo	374
<i>M.ª del Rosario Fernández González</i>	
Moda y joyería..., el camino a seguir	379
<i>Ana María Rincón Canaán</i>	
Las joyas en el cine de Hitchcock	385
<i>Esther Rodríguez Fraile</i> <i>Mariam Vizcaíno Villanueva</i>	
Visión poliédrica de la joyería. Aproximación a los determinantes transformadores del <i>merchandising</i> visual aplicado a las joyas	395
<i>Josefa Sánchez-Tello</i> <i>Mariam Vizcaíno Villanueva</i>	
Los montes de piedad: guardianes de la joya emocional	407
<i>Marta Sanz Bustillo</i>	
Hablando de colecciones y coleccionistas: la colección de Helen Williams Drutt y la colección de Diane Venet	412
<i>Carmen Nogales Romeo</i>	
Le bijou, parure du corps et du costume	423
<i>Claudette Joannis</i>	

As cores da honra: jóias-insígnias das ordens militares em Portugal (1750-1825)

Dr. Gonçalo Vasconcelos e Sousa

Universidade Católica Portuguesa (Porto)

Resumen: El lujo de las insignias portuguesas del siglo XVIII y de las primeras décadas de 1800 es el resultado de la abundancia de pedrerías venidas de Brasil. No sólo son los diamantes, sino también los cristales de roca, los topacios y los granates que vienen en gran cantidad permitiendo la ejecución de piezas de joyería de las órdenes de Cristo, de Santiago y de Avis. La evolución de las piezas, los diferentes tipos y el uso social de estos objetos se acercó a lo largo de un período comprendido entre mediados del siglo XVIII y las primeras décadas del siglo XIX.

Abstract: The luxury of Portuguese insignia of the eighteenth century and the first decades of the XIX century owes much to the abundance of gems coming from Brazil. Not only diamonds, but also rock crystal, topaz and garnets are brought over in great number, allowing the execution of jewelry pieces of the orders of Christ, Santiago and Avis. The evolution of these pieces, their different types and their social use are approached spanning a period from the mid-eighteenth century to the first decades of the nineteenth century.

Nenhum historiador da joalheria portuguesa do Antigo Regime ficou indiferente ao estudo das insígnias das ordens militares¹. Peças de dimensão altamente simbólica no âmbito da sociedade portuguesa do período (Pimentel, 1994), atingiram uma relevância no universo da Falerística internacional, que a centúria de Setecentos verá triunfar. António Filipe Pimentel incluiu-as numa nova categoria, *ajoalheria de função*, introduzindo conceptualmente o seu papel de representatividade social (Pimentel, 2000).

Se o ouro e o esmalte caracterizavam, em geral, os exemplares portugueses até ao século XVII, a pedraria qualificaria as insígnias de Setecentos e parte de Oitocentos, marcados pela abundância de pedraria, em geral proveniente do Brasil (Sousa, 2013).

Neste estudo vamos percorrer o universo das jóias portuguesas ligadas às diversas ordens militares (Cristo, Santiago, Avis e Malta) durante os anos que medeiam entre cerca de 1750 e 1825, analisando distintas questões que passam pelo uso social dos objectos, os materiais em que eram executados e as opções estéticas neles incorporadas.

A iconografia das ordens e os adornos de representação entre 1750 e 1825: A execução das insígnias, por entre os metais e as pedrarias

O facto de a Ordem de Cristo ocupar um lugar dianteiro entre as várias ordens –evidenciado pelas habituais figurações régias usando assuas insígnias (figura 1)–, teve consequências no núme-

¹ Vd., por exemplo, Pimentel, 1994; Orey, 1995; Pimentel, 1999; Silva, 1999; Sousa, 1999.



Figura 1. Retrato da rainha D. Maria I usando a banda vermelha e a insígnia da Ordem de Cristo, cerca de 1780-1790. Leilão do Palácio do Correio Velho, 19 e 20 de Junho de 2012.

ro e qualidade das peças de joalheria sobreviventes (figuras 2-4). A criação de insígnias das outras ordens portuguesas –Sant’Iago e Avis²–, socorrendo-se especialmente da abundância de gemas brasileiras na segunda metade do século XVIII, permitiu a execução de exemplares que acompanharam a evolução das alterações estéticas e estilísticas do Século das Luzes, vindo a terminar, na transição com Oitocentos, com peças luxuosas e dignas de realce³. Outra ordem com forte impacto na realidade social portuguesa foi a de Malta, que também deixou numerosos vestígios entre as insígnias existentes em Portugal (Sousa 1994; Sousa 1996-1997).

Na representação iconográfica das distintas ordens, a cruz em si –cruz de Cristo, cruz de Sant’Iago, cruz de Avis (figura 5) ou cruz de Malta– pode ser envolta ou sobreposta, no plano superior, por uma diversidade de remates e complementos ornamentais, numa demonstração da



Figura 2. Colecção de hábitos de lançar ao pescoço da Ordem de Cristo do último terço do século XVIII/primeiro quartel do séc. XIX, que pertenceu a D. Manuel de Souza e Holstein Beck, conde da Póvoa. Leilão do Palácio do Correio Velho, 19 e 20 de Junho de 2012.



Figura 3. Conjunto de insígnias de lapela da Ordem de Cristo do último terço do século XVIII/primeiro quartel do séc. XIX, que pertenceu a D. Manuel de Souza e Holstein Beck, conde da Póvoa. Leilão do Palácio do Correio Velho, 19 e 20 de Junho de 2012.

² Excluindo, propositadamente, desta análise os exemplares das Ordens da Torre e Espada (renovada em 1808), de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa (1818) e das damas de Santa Isabel (1801-1804).

³ Desde os finais de Setecentos até meados do século XIX, diversos catálogos de ourives apresentam modelos distintos de insígnias para as diversas ordens, como se pode verificar *in* Sousa, 1999: 184, 185, 196 e 197; Sousa, 2011a: 1, 5, 10, 41; Sousa, 2011b: XLI, LIV, LV e LVI.

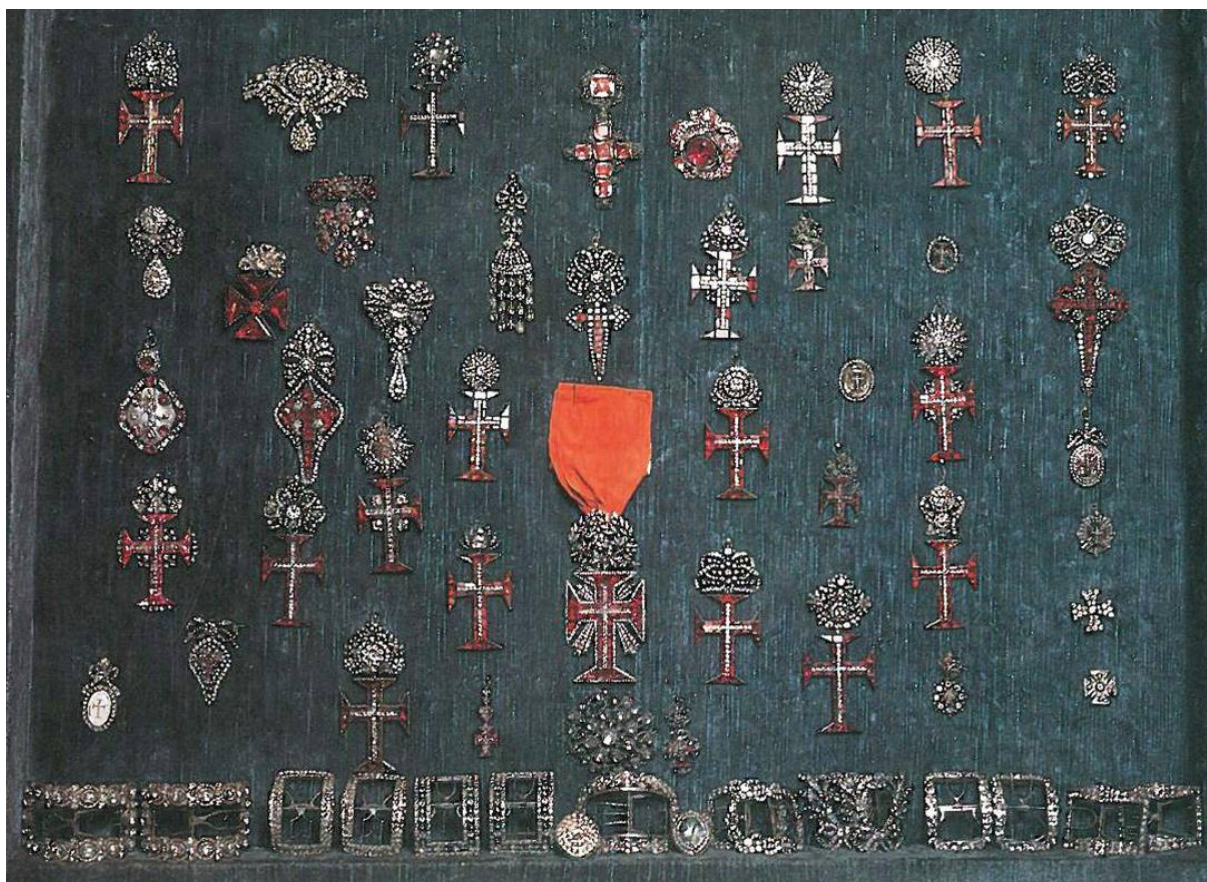


Figura 4. Coleção de insígnias das ordens de Cristo e de Sant'Iago, entre outras tipologias de adornos, que pertenceu ao ourives do Porto Luiz Ferreira (1909-1994). Fot. de Pedro Canto Brum.

excelência dos ourives do ouro e cravadores de pedraria do período em consideração.

As pedras triunfam sobre a arquitectura da base, e o cromatismo específico de cada ordem assiste ao complemento com gemas de outras cores, sem, contudo, prejudicar a policromia, sob pena de confusão com outro tipo de jóias, sobretudo femininas.

A cruz constituía o cerne da peça, devendo ser realçada do conjunto de elementos constituintes do objecto. Nas tipologias, destaque para os hábitos de lançar ao pescoço, a que se vieram juntar, sobretudo na versão neoclássica, os hábitos de lapela.

Se tal se pode observar no que diz respeito aos hábitos de lançar ao pescoço, é nas insígnias de lapela que a profusão de modelos alcança especial significado (figuras 6 e 7). Os motivos ornamentais neoclássicos, em vigên-

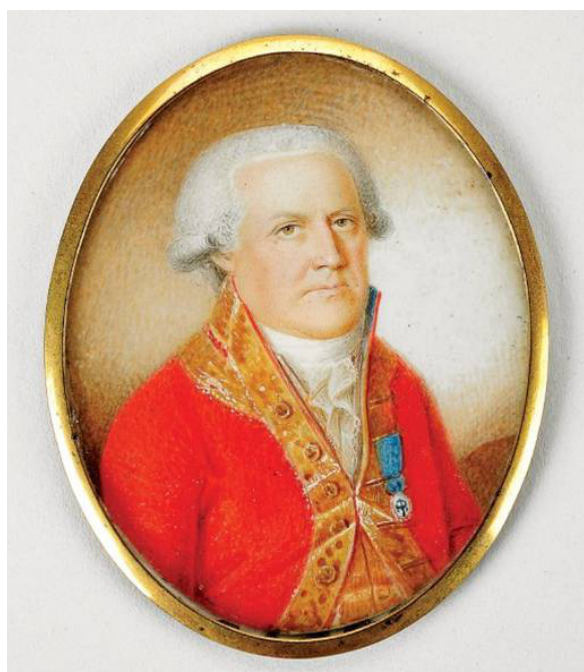


Figura 5. Miniatura sobre marfim em que o retratado usa insígnia da Ordem de Avis, finais do século XVIII. Cabral Moncada Leilões.



Figura 6 e 7. Retrato de membro da Família Ribeiro de Faria, pintado por A. J. Pereira, 1825; pormenor de insígnia de lapela da Ordem de Cristo. Col. do Dr. Luís de Lancastre Ferreira Pinto.

cia em finais de Setecentos e cujo prolongamento se prolongou pelas primeiras décadas da centúria seguinte, permitem relevar os laços, os medalhões ovais, as flores, os festões vegetais e os panejamentos, as laarias mais ou menos elaboradas –mais tarde deveras estilizadas–, sendo os exemplares de ouro remetidos para casos mais concretos.

Desde meados do século XVIII até ao primeiro terço do século XIX, assiste-se a um período que vimos designando por a *Festa da Cor* na joalharia portuguesa (Sousa 1995b: 27) e isso torna-se muito evidente no que diz respeito às insígnias pelas tonalidades cromáticas exigidas pelas cores características das ordens religiosas e militares portuguesas. Cristo e Sant'Iago implicam as tonalidades avermelhadas, e daí o recurso a rubis e granadas (figura 8), sobretudo as segundas, por os rubis serem muito dispendiosos. Para a Ordem de Avis (figura 9), as esmeraldas e, muito especialmente, os dobles (Carvalho e Orey, 1995: 120), recorrendo ao truque da pintura verde entre cristais, cujo efeito faria supor tratar-se daquela que foi a gema preferida dos espanhóis.

Os quartzos hialinos constituíam os sucedâneos dos diamantes, e a sua lapidação alcançava importante número de facetas, de forma que o brilho fosse o mais resplandecente possível, o que valorava a pretensão mimética.

A passagem de mais de 200 anos não nos permite confrontar o impacto do exemplar à época, mas alguns objectos muito bem preservados, possibilitam a constatação do êxito da imagem pretendida.



Figura 8. Retrato da rainha D. Maria I, segurando a cruz de Sant'Iago com o Coração de Jesus, pintado por Jerónimo Barros, finais do séc. XVIII. Cabral Moncada Leilões.



Figura 9. Retrato de comendador da Ordem de Avis desconhecido, primeiro terço do século XIX. Cabral Moncada Leilões.

Outras vezes, complexifica-se o uso de outras gemas que emolduram a cruz, como sucede em certos exemplares em que o ourives do ouro recorre a uma mancha de topázios amarelos, que funcionam como pano de fundo de enquadramento, evidenciando a cor grená das granadas usadas na figuração da cruz de Cristo ou de Sant'Iago. A jóia passa a participar em concreto dessa intenção de fazer proliferar a cor, numa demonstração de aparato e fantasia, em que concorrem as mais diversas tipologias de adorno executadas na época em consideração.

A presença dos estojos em couro carmesim com gravados a ouro complementa a enenação do conjunto, exponenciando a já rica composição das veneras das ditas ordens. Ao longo dos anos de investigação temos observado um conjunto de adornos preciosos deste período que conservam o estojo original, verdadeiras antecâmaras das jóias, como comumente as designamos. Os mais elaborados serão realizados até inícios de Oitocentos, a partir dos quais, acompanhando a simplificação ornamental progressiva, as peças passam a possuir somente um estojo em couro carmesim, sem gravados⁴, facto que se prolongará pela generalidade da primeira metade da centúria.

No exemplar do Museu Abade de Baçal, em Bragança, destaque para a expressividade da jóia, sugerida através de um volumoso laço, inserido em seu estojo (Cordeiro e Carvalho 1994); noutro caso, que pertenceu à colecção do conde da Póvoa, com remate em botão circular, sendo o estojo rectangular, mas acompanhando o movimento do remate na parte superior (figura 10). Na insígnia de Malta de diamantes e esmalte branco, de finais de Setecentos, que terá pertencido

⁴ Exemplos destes dois tipos de estojos podem ser observados in Orey, 1995: 61, 79, 80 e 90; Sousa, 1999: 11, 56, 57, 70, 71, 74, 78, 79, 96, 97, 102 e 107.



Figura 10. *Hábito de lançar ao pescoço da Ordem de Cristo com estojo de couro carmesim com gravados a ouro, último quartel do séc. XVIII, que pertenceu a D. Manuel de Souza e Holstein Beck, conde da Póvoa. Leilão do Palácio do Correio Velho, 19 e 20 de Junho de 2012.*

à Casa do Poço, em Lamego, retemos o olhar no perfil do desenho no veludo do interior e nas formas rebaixasadas, que acompanham os contornos da venera (Sousa, 1999: 162).

Noutra jóia, desta vez representando um hábito de lançar ao pescoço da Ordem de Sant'Iago, os ornatos a ouro sobre o couro carmesim valorizam o impacto do conjunto, efeito complementado pelo fecho metálico, trabalhado, que, unindo tampa e base, provê a segurança desta jóia (Sousa, 1999: 11).

Os ourives do ouro, cravadores e lapidários, em especial de Lisboa, deitaram mãos à obra, exportando peças de joalheria para a então colónia brasileira. Entre esses exemplares encontravam-se hábitos da Ordem de Cristo do ourives do ouro Inácio Pereira Raposo, com loja junto ao Hospital, na freguesia de Santa Justa, em Lisboa. Este enviou um hábito de Cristo de granadas e diamantes no navio Nossa Senhora do Carmo e Cana Verde, em 21 de Agosto de 1770, para o Rio de Janeiro, destino idêntico para onde remeteria, mais tarde, em 7 de Fevereiro de 1771, nova insígnia de Cristo de diamantes e outras duas de prata e ouro, desta vez no navio São José Princesa Real (Sousa, 2013: 23-27). No Brasil existiam, também, cavaleiros de Cristo espalhados por diversas povoações da colónia, e é provável que tais remessas servissem encomendas previamente efectuadas.

No Porto também se faziam insígnias desta Ordem. Temos disso notícia através da obrigatoriedade prevista no art.º 3.º do regimento dos ensaiadores do ouro (Regimento, 1791: 6, 331-332), em que as peças que não pudessem ser marcadas deveriam constar de registados dos ensaiadores. Assim, em termos de insígnias de Cristo –as únicas veneras descritas–, encontram-se assinalados os seguintes exemplares (da segunda em diante, Sousa, 1996: parte II, fichas n.ºs 9, 15, 30-32; Sousa, 2008: 102, 104-106):

1. Em 25 de Agosto de 1712, de António de Carvalho, registado pelo ensaiador do ouro do Porto António Gonçalves, um hábito de Cristo em filigrana, pesando 5\$900 réis (Sousa, 2010: 236-237);
2. Em 20 de Novembro de 1786, de Joao de Sousa Teles, por entre diversas outras jóias de um extenso rol, são registados dois hábitos, um de prata com uma cruz lisa dourada e uma cruz no meio, possuindo diamantes rosa, uma flor em cima com topázios brancos e com granadas, avaliado em cerca de 6\$000 rs., e outro hábito, também de prata fina, redondo com remate em cima, cravado de topázios brancos, com uma pedra no meio, uma cruz de granadas e a cruzinha no meio com diamantes rosa, avaliado em cerca de 9\$600 réis;
3. Em 17 de Abril de 1787, Manuel Martins Freire declara junto do ensaiador do ouro um hábito de Cristo ovado de prata com uma flor a rematar superiormente, com pedras brancas de cristal e uma cruz no meio com granadas;
4. Em 18 de Agosto de 1787, entre os adornos encontrados ao mesmo Manuel Martins Freire em acto de correição e conduzidas junto do ensaiador municipal do ouro do Porto, António Martins da Cruz, encontrava-se um hábito de Cristo ovado com uma flor no remate superior, de prata de teor acima do previsto na lei, cravejado de pedras brancas e granadas;
5. Em 20 de Agosto de 1787, pertencentes ao ourives do ouro Francisco Luís de Sá, são registados cinco hábitos de Cristo: um de prata com diamantes rosas e granadas, com a cruz de moldura e argola de ouro com seu laço e cruz no interior (*ca.* 34\$000 rs.); um outro ovado de prata acima da lei e com topázios brancos e granadas, com flor no remate (*ca.* 3\$000 rs.); um outro de prata com topázios brancos e granadas (*ca.* 3\$000 rs.); um hábito de Cristo com granadas e a cruz com diamantes rosa com uma cercadura *em cartons*, ovada, com uma estrela em cima e crisólitas cravadas em prata (*ca.* 14\$400 rs.); e um quinto hábito de Cristo grande de prata com granadas e a cruz dourada, tendo a cruz ao centro e o laço em cima topázios bancos (*ca.* 22\$000 rs.);
6. Em 3 de Setembro de 1787, Manuel Francisco da Rocha leva para registo, um hábito de Cristo de prata com o remate em forma de cravo, sendo a cruz de dentro com diamantes com talhe em rosa e granadas, avaliado em cerca de 6\$400 réis.

Nestes diversos exemplares, destacam-se, do ponto de vista formal, a menção de alguns deles eram ovados, e, em termos ornamentais, a presença floral –há mesmo a especificação de um cravo– e as laçarias. Em relação às gemas, surgem referenciados diamantes com talhe em rosa, topázios brancos, crisoberilos, granadas e cristais de rocha brancos. Quanto ao valor, especial menção para o hábito com diamantes rosas e granadas do aurífice Francisco Luís de Sá e cujo valor surge referenciado por António Martins da Cruz como sendo de 34\$000 réis.

Um dos grandes desafios no estudo dos hábitos das diversas ordens consistia em apurar a evolução das formas, mas, para isso, é importante serem dados a conhecer mais exemplares de



Figura 11. Desenho de hábito de lançar ao pescoço da Ordem de Avis, cerca de 1830, pertencente ao livro de desenhos de José António Mourão. Arquivo da Casa José Rosas, f. 5.

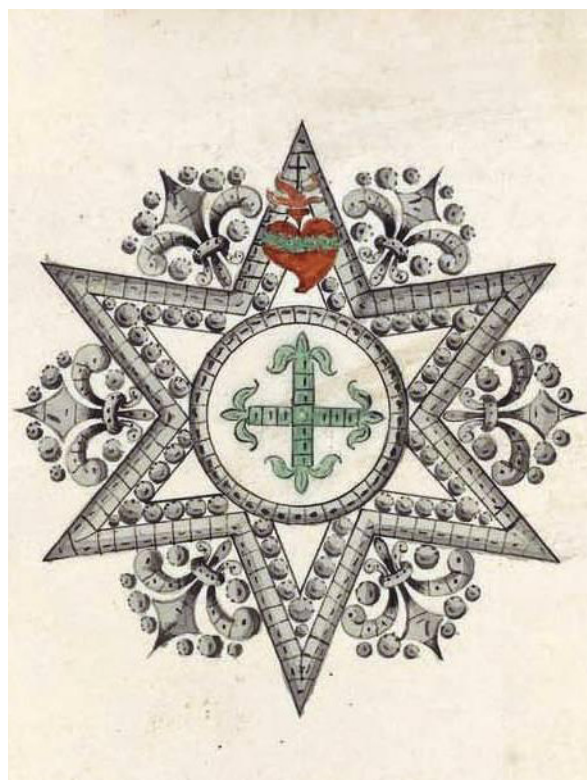


Figura 12. Desenho de placa da Ordem de Avis, cerca de 1830, pertencente ao livro de desenhos de José António Mourão. Arquivo da Casa José Rosas, f. 10.

modo a poder estabelecer comparações, bem como novos elementos documentais, que permitam ir verificando, em cada época, quais as tipologias predominantes e as ornamentações utilizadas.

Os livros de desenhos de jóias conhecidos, seja os da passagem do século XVIII para o XIX, seja os do arranque do 2.º quartel de Oitocentos –no fundo, catálogos dos ourives em causa–, revelam a importância que a execução de insígnias representava para os ourives que os poderiam realizar e, podemos arriscar a generalização, para alguns dos aurífices de Lisboa e do Porto.

Nesse sentido, os dois livros existentes na secção de reservados da Biblioteca Pública Municipal do Porto e os restantes, mais tardios, pertencentes ao arquivo da casa de ourivesaria José Rosas (Porto), demonstram a evolução verificada neste tipo de adornos *defunção* entre finais do século XVIII e a década de 30 de 1800. Se nos primeiros se privilegia os hábitos de lançar ao pescoço ou até um crachá, nos dois últimos assistimos a várias tipologias, como os ditos hábitos de lançar ao pescoço (figura 11) e os crachás (figura 12) –ou placas–, mas também insígnias de lapela (figura 13), sobretudo, e ainda nesse período, da Ordem de Cristo.

O uso social das jóias e os exemplares da Casa Real

Ver e ser visto, na dialéctica dos comportamentos do Antigo Regime em Portugal, fez emergir o uso social destes espécimes preciosos, combinados com a dimensão simbólica que o acto da sua utilização pública acarretava. E as gemas brasileiras, cujo valor não era excessivo, catalisaram uma multiplicação dos exemplares, com a proliferação dos modelos, ocasionando, através do brilho das pedras, um forte impacto visual e estético.



Figura 13. Conjunto de desenhos de insígnias de lapela da Ordem de Cristo, pertencentes a ourives desconhecido. Arquivo da Casa José Rosas.

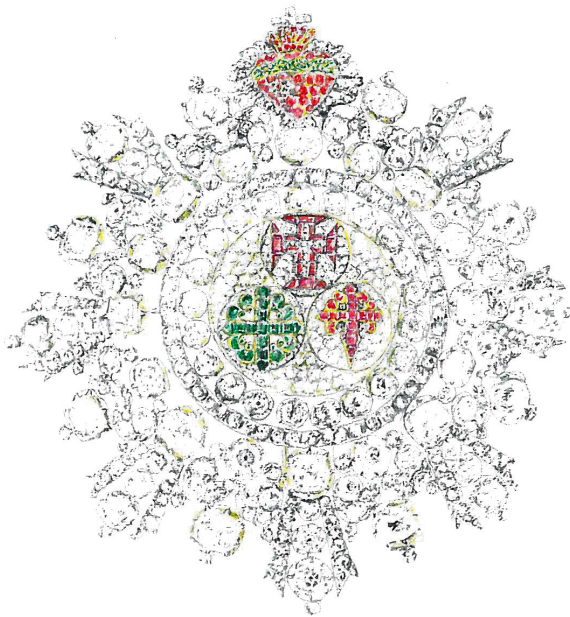


Figura 14. *Placa das Trés Ordens*, por David Ambrosius Pollet, 1789. Desenho de Artur Souto Neves (1996).

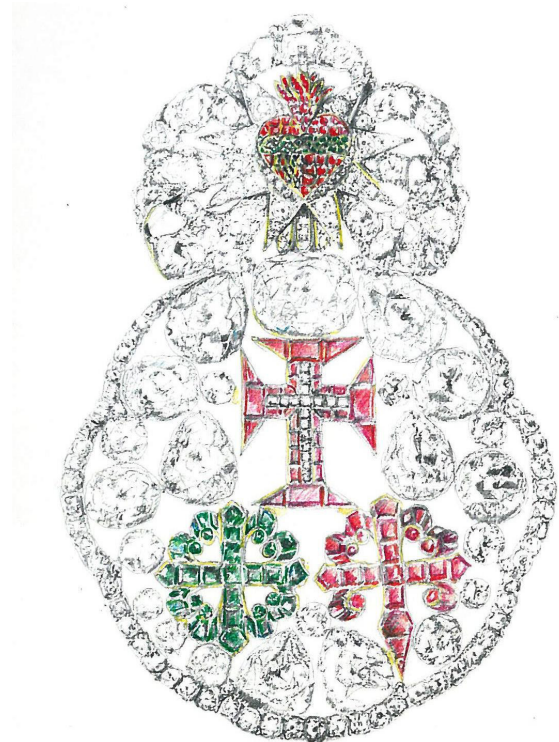


Figura 15. *Medalha das Trés Ordens*, por David Ambrosius Pollet, 1790. Desenho de Artur Souto Neves (1996).

O rei assumia a chefia das Ordens Religiosas e Militares e, por isso, correspondia-lhe o lugar de Grão-Mestre. Numa época em que se inicia em Portugal a valorização das bandas de grã-cruz, logo tal situação se reflecte na iconografia coeva –retratos a óleo, miniaturas ou gravuras–, com as habituais medalhas a pender nas representações régias. D. José e D. Maria I apenas se retrataram usando a Ordem de Cristo, e a reforma de 1789, corporizada pela *Piedosa* –unindo as ordens de Cristo, Sant’Iago e Avis sob o Coração de Jesus–, haveria de contribuir para a execução de um notável conjunto de insígnias preciosas, a que se veio juntar a realização do Tosão de Ouro, no ano seguinte.

Por mais que se tenha escrito sobre as diversas insígnias das Trés Ordens e o Tosão de Ouro, que maximizam os tesouros reais portugueses, catapultando cada um dos exemplares para o conjunto das mais relevantes jóias que se executaram em todo o mundo na segunda metade do século XVIII, não podemos deixar de tecer algumas considerações sobre o efeito estético e construtivo dos três exemplares: a placa (figura 14) e a medalha (figura 15) das Trés Ordens e a insígnia de lançar ao pescoço do Tosão de Ouro (figura 16). Devemos considerar estes objectos como jóias de Estado, que marcam a afirmação da religiosidade, numa época em que se iniciam profundas mudanças no cenário internacional.

O conjunto de placa e medalhas das Trés Ordens resultou, como se disse *supra*, da reforma que a soberana portuguesa D. Maria I efectuou em 1789, submetendo as ordens à sua devoção mais fervorosa: o Coração de Jesus. Esta transformação viria a ocasionar modificações em todas as peças dos graus de grã-cruz e de comendador (figura 17) (Tavano e Silva, 1881: 19-20 e 33-42, *apud* Pimentel, 1999: 190), afectando especialmente os cargos palacianos e a alta nobreza, como referiremos *infra*. E isso surge reflectido nas duas peças: o Coração de Jesus passa a rematá-los na parte superior, num magnífico efeito obtido através do recurso a rubis e esmeraldas.

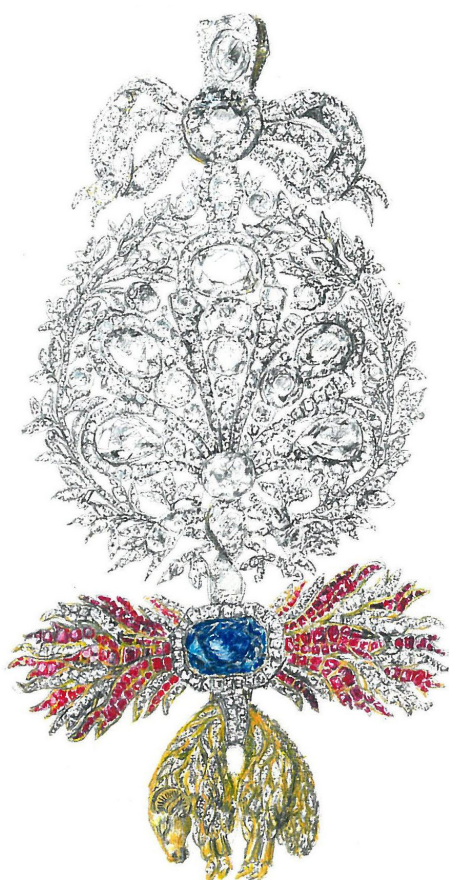


Figura 16. Hábito de lançar ao pescoço do Tosão de Ouro, por David Ambrosius Pollet, 1790. Desenho de Artur Souto Neves (1996).



Figura 17. Hábito de lançar ao pescoço de comendador da Ordem de Cristo, com o Coração de Jesus, posterior a 1789. Pertenceu à coleção de D. Manuel de Souza e Holstein Beck, conde da Póvoa. Leilão do Palácio do Correio Velho, 19 e 20 de Junho de 2012.

A medalha das Três Ordens (1790) (Franco *et al.*, 2014: 114) sugere uma articulação quase mecânica entre os diversos elementos que a compõem, e a observação do verso da peça, de prata dourada, funciona como testemunha desse processo de execução, a que não é estranha a mão de quem o concebeu, David Ambrosius Pollet.

Sobriedade e opulência caracterizam medalha e placa, cravadas de diamantes brilhantes. Na disposição triangular das ordens, surge a encimar o conjunto, por relevância, a cruz de Cristo, com rubis, a que se segue, no plano inferior, à esquerda, a de Avis, com esmeraldas, e à direita a de Sant'Iago, com rubis. No remate superior, rubis e esmeraldas foram as gemas usadas para corporizar o Coração de Jesus. A plasticidade do conjunto, na medalha, não é favorecida pela cravação de grandes pedras, surgindo sacrificada, como consequência, alguma da elegância da peça, ao contrário da solução muito mais elaborada, dentro do Neoclássico, que haveria de caracterizar o excepcional Tosão de Ouro, executado em 1790 pelo igualmente referido David Ambrosius Pollet.

A alta nobreza também seguiu as alterações determinadas para os seus graus, como o demonstra a documentação dos arquivos particulares, e ambos os casos identificados da autoria do mesmo ourives do ouro de Lisboa, João Paulo da Silva. Assim, o 2.º duque de Lafões, D. João Carlos de Bragança (Monteiro e Costa, 2006), em 7 de Abril de 1790 paga a João Paulo da Silva (figura 18) para aplicar um Coração de Jesus com esmeraldas e rubis num placar (Sousa, 1996: 1, fig. 21) e, em 1793/1794, mandou concertar um hábito a João Paulo da Silva, tarefa no valor de

Conta dos feitos e dos Rubins e Emeral das e
 vradas das ditas q' tudo se fez p' o Pelcarj e
 Almo Remo Sr^o Duque de Lafões memoranda seguintes:

Por oito quilates de Rubins p' elroy e Coralaõ a 32 ^{vos}	
cada quilate soma - - - - -	2546 ^{vos}
custavaõ as Emeraldas p' a silba - - - - -	542 ^{vos}
Levou o lapidario p' os lavras as ditas pedras - - - - -	2466 ^{vos}
Custou a caixa - - - - -	446 ^{vos}
Defeito do Pelcarj Levo 952 ^{vos} a 16 ^{vos} por pe	
dra em porta a quantia de - - - - -	153492 ^{vos}
	<u>195498^{vos}</u>
Defeito do as feneba e a xa - - - - -	448 ^{vos}
	<u>200478^{vos}</u>

João Paulo da Silva
 Recibi a quantia e soma das de
 at de Abril de 1790
 João Paulo da Silva

Figura 18. Fac-símile de factura-recibo de colocar o Coração de Jesus em placa, trabalho efectuado por João Paulo da Silva para o 2.º duque de Lafões. 7 de Abril de 1790 (coleção de Gonçalo de Vasconcelos e Sousa).

11\$700 (Sousa, 1999: 127). Também o 6.º conde de Valadares, D. José Luís de Meneses Castelo Branco e Abranches (1742-1792) (Zúquete, 1984 3, 459), o mandou reformar as suas insígnias em 1789, datando de 6 de Novembro desse ano uma factura-recibo, um trabalho que ascendeu à quantia de 141\$040 réis, e em que o feito levado pelo mestre corporizou cerca de um quarto do valor final (Sousa, 1995a: 161).

Num dos mais interessantes e talvez o mais relevante tesouro devocional de uma imagem –o do Senhor Santo Cristo dos Milagres de Ponta Delgada– a cana ou ceptro que adorna a imagem possui ao centro da laçaria uma cruz de Cristo cujas características formais o permitem inserir na primeira metade do século XVIII, tendo pertencido, segundo a tradição, ao 4.º conde da Ribeira Grande, D. José da Câmara Teles (Pimentel, 2000a: 58; 60-61).

A corte portuguesa valorizava e provocava o mimetismo, e a hierarquia cortesã ditava comportamentos, sendo que o uso de objectos preciosos complementava a encenação do traje masculino e feminino, criando uma atmosfera de luxo e aparato. Qualidade e valor intrínseco destas peças não devem ter evitado que se gastassem grandes somas de dinheiro na sua execução, apesar das já, muitas vezes, deterioradas finanças das principais casas da aristocracia do reino.

Tratava-se, simplesmente, de uma necessidade vital da afirmação do seu estatuto, numa sociedade em que a valoração e desvalorização da posição da casa e do indivíduo tinham consequências visíveis no seu *modus vivendi* e no universo das mentalidades e redes familiares e estratégias cortesãs (Monteiro, 2010).

As grandes casas da aristocracia portuguesa viram nas peças de joalharia e, também, nas insígnias das ordens militares um instrumento de se exprimirem socialmente. Era esperado que usassem as melhores e mais valiosas peças, os exemplares mais requintados, e conquanto não se conheçam, ainda, os nomes dos principais ourives do ouro da Lisboa pós-Terramoto de 1755, com excepção dos Pollet⁵, de José Luís da Silva –que trabalhou, por exemplo, para os Marialva (Sousa, 2010: 26)– de ou João Paulo da Silva de, este com especial sucesso nas últimas décadas de Setecentos e inícios de Oitocentos⁶, é muito provável que neles também mandassem executar os seus mais preciosos símbolos honoríficos.

Em 1758, são inventariados os bens do duque de Aveiro, D. José de Mascarenhas da Silva e Lancastre, em virtude da sua condenação pelo crime de lesa-majestade, tendo sido sentenciado à morte. Eis que surgem, entre as suas jóias, diversos hábitos da Ordem de Sant'Iago, que primam, pelo menos alguns deles, pela grande riqueza. Esta ordem era de especial relevância em termos familiares, visto que seu antepassado, o duque de Coimbra, D. Jorge, filho legitimado de D. João II, havia sido mestre da Ordem de Sant'Iago.

A peça mais representativa deste acervo aparentava tal qualidade que foi requisitada para serviço da Casa Real, possuindo, pela descrição apresentada, uma grande quantidade de rubis e diamantes de talhe brilhante. Pela relevância da peça, importa apresentar a sua descrição completa:

“Hum habito da ordem de Santhiago de hua só fasse formada a espada de trinta Robins de varios tamanhos lavrados a preporsão da espada toda goarnessida de ingastes não bem coadrados e os mais Redondos e ovados todos com as costas de ouro lavradas H egoar-nesido com corenta e outo deamantes Brillhantes o do meyo de Botão Him forma oval limpo de boa Agoa com prasa de desouto quilates mas muito menos pezo por ser de mais praça que altura e lhe faltar a grossura para o pezo a proporção do lanho Ha outro na goarnição do Abito não he bem codrado nem bem Redondo he de Atura [sic] Regular pezara pouco mais ou menos outo quilates e outro pella parte inferior a ponta da espada que pezarasinco quilates e mais a bacho dez no tamanho tem dez que vem em demenuição de tamanho the-tres quilates o mais piqueno pouco mais ou menos e os que se seguem em toda a goarnição vem em demenuiçã oathe pouco menos de quilate exato os coatro dos Angulos da Espada que tera cada hum a pouco mais de gram; peza o dito Abito assim como esta com sua fita larga de moella cor de fogo coatro omzas e coatro oitavas” (Guerra, 1952: 21).

⁵ O duque de Aveiro devia a Adão Gottlieb Pollet a quantia de 217\$595 réis, possivelmente devido a qualquer obra que para ele executara (Guerra, 1952: 320). Sobre os Pollet, vd. Silva 2000; Sousa, 1997; Mendonça, 2012.

⁶ Com alguma excepção para os Pollet e João Paulo da Silva. Sobre este último, vd. a aquisição, por exemplo, de insígnias para o duque de Lafões, com documentos publicado in Sousa, 1999: 127, 247-248.

São referenciadas, igualmente, outras quatro insígnias da mesma ordem: dois hábitos de ouro e prata com diamantes brilhantes e rubis, um rematado por *laço formado de fitas em fofos* e outro para véstia e com um laço de flores; e os restantes dois de ouro e esmalte, sendo o último ornamentado com corações (Guerra, 1952: 22).

No âmbito do mesmo movimento de confisco de bens, em nada se compararam as insígnias de Cristo pertença do 11.º conde de Atouguia, D. Jerónimo de Ataíde (Zúquete, 1984: 2, 336), que possuía dois hábitos de Cristo, um com sua cadeia de ouro e o outro com uma fita encarnada; e havia, ainda, um terceiro, de Familiar do Santo Ofício, com fita verde (Guerra, 1954: 185).

O uso das insígnias preciosas poderia ser substituído pelo uso de casacas bordadas com os respectivos hábitos, conforme nos dão a conhecer diversos retratos de personagens masculinas da época –designadamente o 3.º do marquês do Louriçal, D. Henrique de Meneses, do acervo do Museu Nacional de Arte Antiga–, para além da própria documentação. Por exemplo, o 6.º conde de Vila Nova de Portimão, D. José Maria de Lancastre e Távora, manda executar um *vestido* com hábito bordado, tanto em 1766 como em 1770 (Sousa, 2010b: 247; 252).

Em 23 de Junho de 1796, o ourives do ouro de Lisboa Manuel Lopes de Oliveira apresentou ao bailio da Ordem de Malta Fr. Duarte de Sousa Coutinho uma factura referente a um hábito de Malta para Diogo de Carvallho e Sampaio, ministro plenipotenciário e embaixador de Portugal na corte de Madrid. Com diamantes brilhantes, safiras e esmaltagem da cruz, com destaque para um diamante maior, a peça custou a quantia não despicienda de 432\$850 rs., valor que incluía as referidas gemas, o trabalho do esmaltador, a caixa e, ainda, o feitio que o artífice levou pela execução do objecto. O curioso nesta insígnia é a presença de numerosa documentação referente não só à elaboração do exemplar, como, e também, do seu pagamento e envio para Madrid (Sousa, 1994). Através dos descendentes colaterais de Carvalho e Sampaio, já que não teve filhos, chegou até aos dias de hoje uma insígnia de Malta de diamantes e esmalte (figura 19).

Por vezes os proprietários possuíam diversas insígnias da mesma ordem, destinadas a ocasiões diferenciadas e, portanto, executadas em materiais distintos. O seu valor e a relevância de materiais interagem em articulação directa com a relevância da ocasião. Passemos a um exemplo concreto. Em 1828, por inventariação *mortis causa* de António Francisco Taveira Brum da Silveira, sendo inventariante sua viúva, D. Francisca Cândida de Medeiros Brum, surge elencado um conjunto de insígnias da Ordem de Cristo (Sousa, 2014: 45)⁷:

1. Um exemplar principal, designado por *hábito*, valorado em 80\$000rs., de prata com cravação de diamantes com talha brilhante, com fivela para prender, e a cruz da ordem esmaltada;
2. Um segundo exemplar com a cruz de Cristo decorada com granadas, remate com diamantes rosa em prata e prisão de ouro;
3. Uma cruz de Cristo de cobre esmaltado com a prisão de ouro e coroa de metal dourado;
4. Uma cruz de Cristo ouro esmaltado com argola de prata;
5. Uma cruz de Cristo de ouro esmaltado.

⁷ Apesar de nos referirmos somente aos *5 itens* que indicam explicitamente a Ordem de Cristo, existem outros que poderão ser da mesma ordem, mas em que não encontramos menção explícita a tal facto. Deixamos, no entanto, a devida ressalva.

Mesmo já fora do horizonte temporal deste estudo, quando em 1853, na cidade do Porto, morre o 1.º barão de Ancede, a leitura do respectivo inventário orfanológico (Sousa, 2004: 12) permite constatar que este possui uma assinalável diversidade de tipos de insígnias das Ordens de Cristo e de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, que variam entre hábitos de lapela, de lançar ao pescoço e placas para o peito, segundo a avaliação do contraste do ouro da cidade, Cosme Martins da Cruz Júnior. Os espécimes aí identificados levam-nos a supor que a sua posse identificaria o seu proprietário em ocasiões diferentes, situadas entre o quotidiano e o aparato.

Concluindo, as insígnias preciosas das ordens de Cristo, Sant'Iago e Avis, bem como da Ordem de Malta, constituíram, no panorama das aquisições da nobreza portuguesa e das classes emergentes, um dos aspectos mais interessantes da joalheria setecentista e das primeiras décadas de Oitocentos, pela qualidade estética atingida por muitos dos exemplares executados. Favorecido pela presença de uma grande quantidade de gemas brasileiras, que abundavam na metrópole desse tempo, as evidências iconográficas da sua utilização e da relevância do seu uso são-nos demonstradas por múltiplas fontes, em que se destacam os retratos e os catálogos de jóias de ourives de Lisboa e do Porto.



Figura 19. Hábito de lançar ao pescoço da Ordem de Malta, diamantes e esmalte, finais do séc. XIX. Coleção particular.

Bibliografia

- CARVALHO, R. G., y OREY, L. d' (1995): Glossário. In Orey, L. d' (ed.), *Cinco séculos de joalheria: Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa*. London: Zwemmer; IPM, pp. 118-124.
- FRANCO, A.; PENALVA, L.; PIMENTEL, A., y BASTOS, C. (2014): "Obras expostas". In Pimentel, A.; Penalva, L.; Franco, A. (eds.), *Splendor et gloria: Cinco joias setecentistas de exceção*. [Lisboa]: Museu Nacional de Arte Antiga, pp. 52-121.
- GUERRA, L. B. (1952): *Inventário e sequestro da Casa de Aveiro em 1759*. [S. l.]: Arquivo do Tribunal de Contas.
- (1954): *Inventários e sequestros das Casas de Távora e Atouguia em 1759*. [S. l.]: Edições do Arquivo do Tribunal de Contas.
- MENDONÇA, I. M. G. (2012): "Os Pollet, uma dinastia de joalheiros ao serviço da Casa Real Portuguesa – novos dados biográficos". In Sousa, G. V. (ed.), *Actas do III Colóquio Português de Ourivesaria*. Porto: UCE-Porto; CIONP; CITAR, pp. 75-112.

- MONTEIRO, N. G. (ed.) (2010): *História da vida privada em Portugal: a Idade Moderna*. [S. l.]: Temas e Debates; Círculo de Leitores.
- MONTEIRO, N. G., y COSTA, F. D. (2006): *D. João Carlos de Bragança, 2.º duque de Lafões*. Lisboa: Inapa.
- OREY, L. (ed.) (1995): *Cinco séculos de joalheria: Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa*. London: Zwemmer; IPM.
- PIMENTEL, A. F. (1994): “Volúpia e contrição: a propósito da joalheria portuguesa da Época Moderna”. *Artes e Leilões*. Lisboa. N.º 5 (23), Dez.-Jan. 1994, pp. 45-52.
- (1999): “Honra e esplendor: da joalheria honorífica portuguesa do século XVIII”. In Sousa, G. V. (ed.), *I Colóquio Português de Ourivesaria*. Actas. Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo, pp. 177-197.
 - (2000a): “Percurso do Barroco nos caminhos do Atlântico: o culto e o tesouro açoriano do Senhor Santo Cristo dos Milagres”. *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. N.º 43, Jul.-Set.), pp. 55-64.
 - (2000b): “A honra e os seus ícones: sobre a joalheria de função”. *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. N.º 43, Jul.-Set., pp. 94-110.
- “Regimento dos ensaiadores do officio dos ourives do ouro, que se passou depois do antecedente”. In *Systema, ou colecção dos regimentos reaes*. Lisboa: Oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno, 1791, tomo 6, pp. 330-336.
- SILVA, N. V. (1995): *Joalheria portuguesa*. Lisboa: Bertrand Editora.
- (2000): “Os Pollet, joalheiros de D. Maria I”. *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. N.º 43, Jul.-Set., pp. 66-76.
- SOUSA, G. V. (1994): “Notícia de uma insígnia de Malta dos finais do século XVIII”. *Filermo*. Porto: Assembleia dos Cavaleiros Portugueses da Ordem Soberana e Militar de Malta. N.º 3, 1994, pp. 119-132.
- (1995a): “A joalheria portuguesa nos séculos XVIII e XIX à luz da documentação”. *Museu*. Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo. 4.ª s., n.º 3, pp. 115-186.
 - (1995b): “A ourivesaria portuense nos séculos XVIII e XIX: I – As jóias (século XVIII)”. *O Tripeiro*. Porto: Associação Comercial do Porto, 7.ª s., n.º 14 (1-2), Jan.-Fev., pp. 24-31.
 - (1996): *A joalheria no Porto nos finais do século XVIII: aspectos socioartísticos*. Dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: [s. n.], 3 vols.
 - (1996-1997): “A cruz de Malta na joalheria portuguesa”. *Filermo*. Porto: Assembleia Portuguesa dos Cavaleiros da Ordem Soberana e Militar de Malta. N.ºs 5-6, pp. 109-121.
 - (1997): “O testamento de Adam Gottlieb Pollet”, *Engastador da Pedraria* da Casa Real. *Museu*. Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo, 4.ª s., n.º 6, pp. 233-239.

- (1999): *A joalbaria em Portugal: 1750:1825*. Porto: Livraria Civilização.
- (2004): “Pratas e jóias dos 1.ºs barões de Ancede”. *O Tripeiro*. Porto: Associação Comercial do Porto, 7.ª s., n.º 23 (1), Jan., pp. 10-13.
- (2008): *A joalbaria no Porto ao tempo dos Almada*. Porto: CITAR.
- (2010a): *Percursos da joalbaria em Portugal: séculos XVIII a XX*. Porto: CITAR.
- (2010b): “Traje na documentação da aristocracia portuguesa de Setecentos (II)”. *Revista de Artes Decorativas*. Porto: UCE-Porto; CITAR. N.º 4, pp. 247-280.
- (2011a): *Álbum de desenhos de jóias portuguesas (ca. 1830-1930)*. Porto: UCE-Porto; CIONP; CITAR).
- (2011b): *O livro de desenhos de jóias de José António Mourão (1792-1856), da Rua das Flores, no Porto*. Porto: UCE-Porto; CIONP; CITAR).
- (2013): “Exuberância e cromatismo: Portugal e Brasil na joalheria de Setecentos”. *Museu*. Porto: Círculo Dr. José de Figueiredo. 4.ª s., n.º 20, pp. 13-46.

TAVANO, A., y SILVA, J. A. (1881): *Notícia histórica das ordens militares e civis portuguesas e legislação respectiva de 1789*. Lisboa: Imprensa Nacional.

ZÚQUETE, A. E. M. (ed.) (1984): *Nobreza de Portugal e do Brasil*. 2.ª ed. Lisboa: Representações Zairol, 3 vols.